

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA ESTUDOS SIGNIFICATIVOS A PARTIR DE RELATOS ORAIS: A EXPERIÊNCIA VIVIDA NO APRENDIZADO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Cássia Regina Rocha Gonçalves (Cultura Inglesa/SP)

Resumo: O objetivo deste artigo é oferecer reflexões epistemológicas a fim de potencializar a sensibilidade de pesquisadores que queiram dedicar-se à pesquisa narrativa, a partir de relatos orais. Concebendo a linguagem humana como recorte semântico de uma experiência sensível, compreendemos que a mesma não dá conta de abarcar toda a subjetividade de uma experiência narrada. Apropriar-se desta totalidade requer olhos, ouvidos e sensibilidade abertos por parte do pesquisador. Assim, baseando-nos em uma pesquisa sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, refletiremos sobre a constituição do ser, humano e social, através dos sentidos e na/pela linguagem, e o papel desempenhado pela língua neste devir, a partir da perspectiva da Antropologia dos Sentidos e da Ontologia da Linguagem como contribuição para um estudo significativo.

Palavras-Chave: Histórias de vida; Ontologia da Linguagem; Antropologia dos Sentidos

Abstract: The objective of this article is to offer some epistemological reflections in order to enhance the sensitivity of researchers who may decide to dedicate their studies in the field of narrative research, based on oral reports. Conceiving human language as a semantic part of a sensitive experience, we understand that only the oral narrative is not enough to embrace all the subjectivity of an experience. Taking possession of this totality requires open eyes, ears and sensitivity on the part of the researcher. Thus, based on a research on the teaching-learning process of foreign language, we will reflect on the constitution of the human and social being, through the senses and in / through the language, and the role played by the language in this becoming, from from the perspective of the Anthropology of Senses and the Ontology of Language as a contribution to a meaningful study.

Keywords: Life stories; Language Ontology; Anthropology of the Senses

Introdução

Este artigo originou-se de estudos epistemológicos com o objetivo de compor o aporte teórico para um estudo sobre ensino e aprendizagem de língua inglesa a partir da análise das narrativas de sujeitos que vivenciaram este processo, com resultados positivos ou não.

A pesquisa qualitativa baseada em relatos orais oferece a possibilidade de imersão em um problema de investigação sob a perspectiva de quem os vivencia. Porém, antes de ir a

campo, o pesquisador deve preparar seus sentidos e sua sensibilidade a fim de que possa apreender em profundidade toda a subjetividade que permeia seu objeto de estudo.

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, por exemplo, observar a prática de alunos e professores dentro da sala de aula ou no decorrer de um curso, oferecerá análises sob a perspectiva de um observador externo, norteadas por seu aporte teórico.

Diferentemente, a coleta e análise das histórias de aprendizagem possuem uma potencial riqueza de detalhes subjetivos, não passíveis de apreensão em uma simples observação, a qual estará à disposição de um pesquisador apto a compreendê-la.

Relatos Orais e Subjetividade

Foram os relatos orais em primeira instância, antes da existência da escrita e da imprensa, que tornaram possível a transmissão da cultura, do conhecimento e das reflexões de cada grupo social, no devir da história da humanidade.

Todavia, na cultura ocidental, ainda insistimos em não legitimar o conhecimento que se origina a partir de nossas experiências, uma vez que este não pode ser mensurado e validado em linguagem matemática, como conhecimento científico. Este é o legado que a racionalidade moderna nos deixou, com o qual o pensamento científico pós-moderno busca romper.

Se a invenção do alfabeto mudou a forma como registrávamos o conhecimento, antes creditado à memória de seus detentores e transmitido por meio de narrativas, a invenção da imprensa ampliou sua disseminação.

Como resultado, difundiu-se e reforçou-se nas ciências o modelo de pensamento cartesiano, onde o homem é capaz de chegar a verdades absolutas, por meio de sua racionalidade, persistindo até os dias atuais o modelo da ciência empírica, como forma de construção de conhecimento válido. (ECHEVERRÍA, 2016; OLIVEIRA, 2016).

Diante de tal paradigma, a subjetividade humana como fonte potencial de conhecimento permanece marginalizada, até que uma nova concepção de homem comece a emergir. Segundo Echeverria (2016) é a partir de questionamentos de pensadores como Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein que este passa a ser contemplado como um ser em constante construção, não detentor de uma essência dada e imutável, cuja experiência subjetiva, significada na/pela linguagem, é fonte de potencial conhecimento.

Muitos estudos a partir de então, inclusive na Biologia, vão creditar à linguagem a distinção primordial que separa seres humanos das demais espécies, compreendendo-a como matéria que compõe nosso pensamento, desenvolvida de forma simbólica apenas em nossa espécie.

A linguagem passa a ser reconhecida como uma condição ontológica do ser: somos humanos a partir da nossa capacidade cognitiva de utilizar uma linguagem simbólica, atemporal, que nos permite refletir, imaginar, criar e nos comunicarmos entre nossos pares a partir de um conjunto limitado de símbolos (língua). Este conjunto limitado tem a característica de se combinar e se recombinar de infinitas formas, característica esta denominada de recursividade, possibilitando a comunicação, a apreensão do mundo e da realidade de nosso entorno, o convívio social, a tradução de nossas subjetividades e nossa ação no mundo. (ECHEVERRÍA, 2016; FIORIN, 2013)

Emerge assim uma nova abertura epistemológica que vem a beneficiar e corroborar a validade do conhecimento subjetivo e cotidiano nas pesquisas qualitativas, em especial aquelas cuja metodologia é baseada na coleta e análise de relatos orais.

Todavia, como o conhecimento que pode ser mensurável ainda é privilegiado, o desenvolvimento de técnicas estatísticas nos anos 40 acaba por obscurecer as potencialidades da pesquisa com relatos orais, sob a crítica de que estas “pareciam demasiadamente ligadas às influências da psique individual” segundo Queiroz (1988, p.15).

Somente na década seguinte temos a volta e o reconhecimento da riqueza de dados oferecidos pelos relatos orais nas Ciências Sociais, compreendendo que dados estatísticos podem oferecer vantagem em quantidade ou extensão, mas o trabalho com relatos oferece uma imersão em profundidade de estudos significativos incomparáveis, no que diz respeito a compreensão de fenômenos sociais (QUEIROS, 1988).

A diferença principal entre um estudo quantitativo e qualitativo, é nas palavras de Bertaux (2010, p.13), sua abrangência: enquanto os primeiros varrem em extensão uma grande quantidade de sujeitos com um olhar superficial e objetivo, o segundo se concentra em um setor delimitado, mas “mergulhará com intensidade na espessura de suas camadas sucessivas”.

A pesquisa narrativa baseada na coleta e análise de relatos orais busca explorar o que Bertaux (2010, p.27) denomina “situação particular”. O pesquisador não tem a intenção de compreender um dado indivíduo, mas sim explorar as camadas mais profundas de um determinado fenômeno, a fim de interpretar os dados que emergem e categorizar o que pode vir a ser comum nos relatos coletados, a partir da perspectiva de quem o vivencia. Desta forma, não partimos de um a-priori e não existem hipóteses a serem validadas, mas sim a serem construídas no devir da pesquisa.

Além disso, os sentidos do pesquisador devem estar de prontidão para a apropriação não apenas do que se ouve, mas do que se vê e do que se experiencia no trabalho de campo.

Na pesquisa de campo o pesquisador tem o cuidado de, antes de tudo, abrir seus olhos, seus ouvidos, sua inteligência e sua sensibilidade ao que poderá lhe ser dito ou mostrado. Ele está ali não para verificar hipóteses estabelecidas a-priori, mas para construir algumas, não só – nem principalmente – sob a forma de “relações de variáveis”, mas sob a forma de hipóteses de configurações de relações, mecanismos sociais, processos recorrentes; sobre os jogos sociais e seus desafios; em suma, sobre todos os tipos de elementos que permitam imaginar e compreender “como isso funciona”. (Bertaux, 2010, p.39)

Essencial também ao pesquisador, é a compreensão de que a narrativa contada por quem viveu uma situação particular sempre será uma descrição “próxima da história realmente vivida” (BERTAUX, 2010, p.15), uma vez que concebemos a linguagem como um recorte das experiências do indivíduo no mundo, incapaz de dar conta da totalidade do que se experiencia. O indivíduo se apropria de muito mais do que a linguagem pode expressar.

O pesquisador, nesta perspectiva, interpretará as narrativas, a partir de sua própria experiência, e do aporte teórico que fundamenta seu estudo. Mas deve ter claro que, de acordo com Bertaux (2010), não chegaremos a uma resposta ou uma verdade absoluta, mas sim a interpretações plausíveis diante do fenômeno que emerge das histórias coletadas.

Na investigação do fenômeno de ensino-aprendizagem, cada sujeito é detentor de suas próprias concepções acerca de seu processo. Qual o caminho percorrido para o aprendizado, quão influentes foram seus professores e suas estratégias de ensino, e o significado da língua para suas realidades. Subjetividades nem sempre de imediata captação no limite imposto pelas palavras.

Caberá, então, ao pesquisador analisar os relatos orais não apenas com base no que o sujeito narra, mas também naquilo que transcende a linguagem falada: no silêncio, na pausa, na emoção ou ausência do olhar, na atenção ou na pressa... Questões subjetivas que não podem ser contempladas, senão pela capacidade de abertura consciente dos sentidos do próprio pesquisador.

Desta forma, acreditamos que a apropriação do conceito de homem como um ser sensível e linguístico é essencial para o pesquisador, a fim de que este possa refletir sobre seu problema de pesquisa, a influência de sua própria subjetividade no decorrer da pesquisa, e ainda sobre sua sensibilidade e percepção dos fenômenos estudados. E não menos importante é compreender o papel da língua materna na construção do sujeito.

Compreender a não existência de uma única verdade absoluta e incontestável, senão à luz de quem as experiencia. Assim, cada experiência vivida, narrada por meio da língua materna do sujeito, se mostrará imersa em subjetividades nem sempre conscientes por quem os relata, porém importantes para quem os analisa.

As subjetividades que venham porventura emergir e convergir entre diferentes sujeitos é material imprescindível para a compreensão do fenômeno de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, proposta primeira desta pesquisa.

O pesquisador deixa a superfície de hipóteses especulativas como: a homogeneidade do aprendizado, apregoando a (in)eficácia dos diversos métodos de ensino de línguas que vêm se multiplicando nas últimas décadas; creditar exclusivamente ao professor a responsabilidade pela aprendizagem e/ou do desenvolvimento de sentimentos como aversão ou paixão acríca pelo idioma.

Sua tarefa então, é partir para uma investigação profunda e significativa de como o próprio indivíduo compreende seu aprendizado, qual relevância ele credita a cada elemento deste processo, e o quanto ele se coloca como sujeito ativo em sua aprendizagem.

Nas palavras de Breton (2016, p.13) “Todo homem caminha num universo sensorial que sua história pessoal fez de sua educação. Percorrendo a mesma floresta, indivíduos diferentes não são sensíveis aos mesmos dados”. Há uma rica floresta de sentidos e significados a serem explorados quando o tema é a aprendizagem de uma língua estrangeira, esperando por um pesquisador que nele mergulhe com os sentidos em constante vigilância, a fim de apreender mais do que se mostra na superficialidade.

O homem como ser sensível e linguístico

Todas as línguas são estrangeiras, até que delas nos apropriemos. Segundo Le Breton (2016), o processo de aquisição da linguagem tem início ainda no útero materno, ali onde o bebê ao ouvir a voz de sua mãe inicia, independentemente de qualquer intencionalidade, sua entrada no mundo social, por meio da audição. Mas antes de entrar no mundo social, é o mundo que adentrará nossa consciência através dos nossos sentidos.

O que é o mundo para nós, senão um emaranhado de sensações? Vemos as nuvens densas e escuras se aproximando, sentimos os primeiros pingos de chuva sobre a pele, e sentimos o cheiro de terra molhada tomar conta do ambiente. Corremos para casa, em busca de abrigo, nos secamos e tomamos um café fresco e quente, sentados confortavelmente.

Quantas memórias essa breve narrativa nos suscitou? Assim somos nós, seres sensíveis ao mundo, cujas sensações podem evocar contextos e lembranças que somente a nós pertencem. O cheiro da chuva e o sabor do café jamais trarão lembranças homogêneas, pois dependem da experiência de cada um.

Nesta teia de sensações vamos acumulando experiências e construindo nossas subjetividades. Nossa maneira única de ser e estar em um mundo criado por nossa representação. Sem as sensações seríamos nada mais que um objeto inanimado, alheios ao que nos rodeia. Sem sensações, apenas estaríamos no mundo.

O reconhecimento de nós mesmos e do mundo que nos circunda é, portanto, atravessado por nossos sentidos, e nossas experiências sensíveis são significadas pela linguagem. E é pela linguagem, falada ou não, que podemos acessar os mundos dos outros seres.

O pesquisador pode valer-se assim da perspectiva do antropólogo, que diante da rica floresta de sentidos e significados “busca alargar seu olhar, seus sentidos, para compreender esta multiforme folhada de reais” (Le BRETON, 2016, p.12)

Mas, de todos os sentidos, é a audição que, efetivamente, traz o mundo para dentro do ser¹, o ouvido é assim o “depositário da linguagem” e o som “proferido em comum (...) propicia um sentimento forte de pertença, o de falar uma única voz” (Le BRETON, pg. 130; 131).

Assim, pelo sentido da audição em primeira instância, adquirimos a linguagem que nos identifica e nos valida a pertença em um contexto social. Ela se presta a intermediar toda nossa experiência de mundo, transformando-a em significações mais ou menos inteligíveis aos outros que coexistem neste mesmo contexto.

Este longo processo de aquisição da linguagem, iniciado ainda durante nossa vida embrionária, alcançará suas funções cognitivas superiores² em um período de aproximadamente doze anos. Tudo começa como simples nomeação, onde um signo sonoro corresponde a algo concreto, neste momento a criança associa o som /mãe/ à pessoa que lhe dispensa cuidados e lhe garante a sobrevivência, por meio da observação dos sons, de seu entorno e de suas consequências.

Mas no decorrer deste processo dá-se uma ruptura com o concreto, como se a representação sonora ganhasse a essência do objeto que nomeia, e assim pudesse passear pelo pensamento humano, transcendendo inclusive a temporalidade. A linguagem, assim concebida, nos permite pensar e falar sobre o que foi, o que é, o que será, o que poderia ter sido ou o que jamais será, ao mesmo tempo em que é capaz de rememorar sensações únicas.

O som /mãe/ associa-se então a imagem acústica da figura materna, generalizando todas as mães, e categorizando mães e não mães. Juntamente com a imagem acústica residirão as

¹ Importante ressaltar que a linguagem humana não se limita à linguagem oral, e que este fragmento de LeBreton (2016) foi citado pelo fato se tratar de uma pesquisa que se dedica ao estudo de ensino-aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva da oralidade.

² Funções cognitivas superiores de abstração, o pensamento intelectualizado segundo os estudos de Lev Vigotski em *Linguagem e Pensamento* (2008)

impressões que foram captadas pelos sentidos, e as emoções que da relação mãe-filho foram geradas.

No decorrer da convivência social, a imagem acústica /mãe/ ganhará significados coletivos, que emergem da cultura desta sociedade. Assim, o som /mãe/ evocará imagens diferentes aos católicos, aos órfãos, ou àqueles que conhecem, mesmo que de longe, a peregrinação das mães da Candelária.

Assim, nos inserimos então em uma sociedade, composta por indivíduos sensíveis ao mundo, que contam com um mesmo sistema de signos sonoros pré-definidos que recortam parte deste ressentido e transformam em significação comum.

Somente desta forma estes indivíduos poderão manter uma comunicação entre si, expondo não somente questões objetivas e circunstanciais, mas em certa medida, sua subjetividade também. O som /mãe/ portanto, comportará uma perspectiva coletiva e individual concomitantemente.

Segundo o linguista Rajagopalan (2002, p.41): “A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”. Tal colocação nos remete aos estudos sobre a ontologia da linguagem, onde o ser humano seria, antes de racional, um ser linguístico, não existindo uma identidade sequer humana fora da linguagem.

Dos estudos sobre Ontologia da Linguagem, é relevante mencionar um dos pressupostos básicos, o qual postula a linguagem como gerativa. Desta forma, evidenciamos uma ruptura com o pensamento cartesiano, onde a razão precederia a existência e a linguagem representaria apenas uma ferramenta ou instrumento de transmissão de uma racionalidade existente. A linguagem não se encerra como ferramenta que descreve a realidade. A linguagem gera realidade.

Sob esta perspectiva, compreendemos que a linguagem precede a existência e a razão, e o homem torna-se homem e um ser racional, e o mundo ganha sentido para cada grupo social por meio da linguagem adquirida:

La experiencia humana, lo que para los seres humanos representa la experiencia de la existencia, se realiza desde el lenguaje. El lenguaje representa para los seres humanos, em el decir de Nietzsche, una prisión de la cual no pueden escapar; o, em el decir de Heidegger, la morada de su ser. Los seres humanos habitan em el lenguaje. (ECHEVERRÍA, 2016, p.33)³

Assim, nas palavras de Echeverría (2016), embora a linguagem não possa dar conta de toda a realidade perceptível apresentada por Le Breton, a qual o autor denomina como a multidimensionalidade do fenômeno humano, não há como pensarmos o mundo fora dela.

Para a linguagem, a língua

Do ponto de vista filogenético, nossos antepassados foram passando por diversas evoluções que culminaram na capacidade de comunicação pela linguagem, como a conhecemos hoje. A postura ereta, o libertar das mãos para outras atividades que não o locomover-se e ganhos de massa cerebral foram condições essenciais para este desenvolvimento. Língua, gestos e imagens são o material que a linguagem emprega como forma de expressão.

³ A experiência humana, o que para os seres humanos representa a experiência da existência, se realiza a partir da linguagem. A linguagem representa para os seres humanos, nas palavras de Nietzsche, uma prisão da qual não se pode escapar; ou nas palavras de Heidegger, a morada de seu ser. Os seres humanos habitam na linguagem. (Tradução nossa)

Considerando a oralidade, a condição nômade dos homens os levou aos lugares mais remotos do planeta, e assim as espécies foram evoluindo e desenvolvendo a linguagem com um aspecto diferenciado: a língua.

Esta então é estudada, a partir de Saussure⁴ como a parte material e social da linguagem humana, somente capaz de existir por meio de um conjunto de signos arbitrários que emergem de um acordo social, possibilitando a comunicação. Para Revuz (2002, p. 219) “a língua (é) ao mesmo tempo investida de subjetividade, (e) *um código social sem poder de legislação*”⁵. Um conjunto de símbolos sonoros, denominados signos linguísticos, que vieram a posteriori ganhar uma representação gráfica.

No espaço desta língua, denominada por Revuz como língua formadora, o indivíduo estaria em “um mundo de referências familiares” (2002, p.28). A língua primeira constitui nossa identidade, abarca nossas subjetividades e nos oferece um lugar ao qual pertencer.

Desta forma, compreendemos que a linguagem é uma faculdade humana, ontológica, ao passo que a **língua** é parte da linguagem e precisa ser aprendida. (FIORIN, 2013). Assim, a língua está no mundo antes de nós, e nossa inserção neste mundo (social) depende de seu aprendizado. Antes de ser forma de exteriorização de nossas subjetividades, ela é a interiorização do mundo, da cultura de um grupo e de interpretações pré-existentes da realidade que nos circunda.

A língua adicional e a ampliação de mundo

Face ao exposto, aprender outra língua seria, portanto, apropriar-se de novos significados que não passam, necessariamente, pelo sentido sensível do indivíduo, extrapolando

⁴ Ferdinand de Saussure é considerado o pai da Linguística (FIORIN, 2013).

⁵ Grifo nosso.

assim os limites de sua familiaridade. Exceção feita àqueles que, ao longo do processo de aquisição da linguagem⁶, são expostos à mais de uma língua.

É relevante para esta reflexão retomarmos o fato de termos sido constituídos por nossa língua formadora, fato este que nos deixa a percepção de que língua e indivíduo são um só, como se nunca houvéssimos de fato aprendido esta língua primeira.

Muitos só se conscientizam do caráter arbitrário da linguagem, e conseqüentemente da possibilidade de diferentes nomeações do mesmo, tanto quanto diferentes visões de mundo, no contato com uma segunda língua. Neste momento existe uma ruptura com as nossas verdades, e o mundo se abre em uma infinidade de possibilidades, que sempre existiu, mas não nos era evidente.

Para aqueles que se lançam nesta empreitada, arriscaria dizer que a experiência de aprender outra língua se assemelha à experiência do etnólogo ou do viajante, a qual segundo Le Breton (2016, p.18) é quase que um “despovoamento dos seus sentidos, ele é confrontado com sabores inesperados, com odores, músicas, ritmos, sons (...)”, sua verdade deixa de ser absoluta. O mundo de familiaridades inscrito em nós na aquisição da linguagem sofre uma ruptura.

Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa 1ª língua. Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material formador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. (Revuz, 2002, p.217)

⁶ O processo de aquisição da linguagem é aqui referenciado a partir dos estudos de Lev Vygotsky na obra *Pensamento e Linguagem* (2008), compreendendo desde o nascimento até aproximadamente 12 anos de idade, na qual a criança imerge no mundo a linguagem, aprende primeiro que esta é ferramenta para comunicação com aqueles que a rodeiam, por volta dos 2 anos de idade esta criança descobre a linguagem simbólica, compreendendo que a cada objeto cabe uma nomeação, sua curiosidade gera uma rápida ampliação do vocabulário e segue seu desenvolvimento, partindo do pensamento concreto ao abstrato e intelectual.

Tal ruptura traz consigo algumas consequências positivas como ir em busca de compreender-se e ressignificar-se, tornando-se em certa medida outro ser, a partir da ampliação de seu mundo. Ou, ao contrário, não admitir mudanças, ou qualquer distanciamento de quem se é, da identidade formada, encerrando assim qualquer possibilidade de um novo vir-a-ser. Nas palavras de Revuz (2002, p. 221) “aprender uma língua é sempre um pouco tornar-se outro (...) existe uma volta ao estágio de infans⁷”.

Sendo assim, para Revuz (2002), língua formadora (materna) e língua adicional (estrangeira), embora homogêneas no que se refira a aspectos linguísticos e biológicos, jamais serão iguais para o indivíduo. A aprendizagem consciente culminará em um saber nem sempre sentido.

Na língua formadora, a nomeação e significação acontecem simultaneamente, ao passo que no aprendizado de língua estrangeira as duas ações acontecem separadamente, pois a língua estrangeira não recorta uma realidade percebida, e a língua formadora estará lá, intermediando esse processo.

Ao passo que um novo mundo se descortina, este indivíduo vai se apropriando de diferentes formas de dizer o mesmo, ou do mesmo que se refere à outras significações. Muito precisará ganhar sentido e ser compreendido, e não meramente traduzido.

E dentro desta trama de significações, residem ainda na aprendizagem de outras línguas outras variáveis de ordem fonológica, semântica, sintática e pragmática. Trazendo para o contexto do aluno brasileiro que se dispõe a aprender inglês, por exemplo, este se deparará logo de início com a necessidade de readaptação de seu aparelho fonológico para a pronúncia de sons como o “th” vozeado, ou não. O abandono da vogal de apoio que ele leva da língua portuguesa para a língua inglesa também causará incômodo ao longo do aprendizado.

⁷ Infans (francês) bebê, lactente

Não podemos também deixar de contemplar variáveis sociais, ideológicas, políticas e históricas referentes à língua adicional que se propõe a aprender. Aprender uma nova língua no Brasil é diferente de aprender uma nova língua em países da Europa ou África, onde já existe histórica e politicamente uma relação muito mais próxima ao bilinguismo (REVUZ, 2002).

Se pensarmos especificamente no aprendizado de língua inglesa, a globalização, o mercado neoliberal e todos os vieses negativos e positivos que acompanham este momento, virão integrados à língua, mesmo que nem sempre de forma consciente.

A exigência do mercado de trabalho, no que se refere ao aprendizado obrigatório de língua inglesa, assim como esta ser a língua dos americanos de Trump, também sobrepõem um peso, nem tanto a quem quer, mas principalmente a quem precisa aprender, independentemente de sua vontade.

Na seara de tantas variáveis, não nos causa estranhamento a dificuldade que um sujeito adulto encontra para ser capaz de se comunicar em outras línguas, que não sua língua formadora, conforme podemos evidenciar no fragmento a seguir:

A aprendizagem de línguas nos põe diante de um paradoxo: como é que o filhote de homem, tão frágil física e intelectualmente tem sucesso na façanha de aprender a falar em um tempo recorde, e que lhe seja tão difícil repetir essa proeza quando, já crescido, autônomo, dotado de uma enorme quantidade de saberes e instrumentos intelectuais, ele acomete uma outra língua? Pois é preciso reconhecer, a aprendizagem de línguas estrangeiras se destaca primeiramente pela sua taxa de insucesso. (REVUZ, 2002, p.213)

Dada a complexidade do processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, vemos que as pesquisas sobre o tema, na busca de compreendê-lo, não estão delimitadas a uma área específica do conhecimento.

Embora com início recente, não anterior aos anos 60, as pesquisas sobre o tema que antes focavam apenas na competência gramatical e na habilidade da produção de enunciados,

viram uma abertura de foco nas décadas seguintes, a qual levou a estudos nas áreas de linguística, psicologia cognitiva, sociolinguística e educação, conforme evidenciamos nas palavras de Rod Ellis (2008, p.2): “SLA research has become a rather amorphous field of study with elastic boundaries”⁸.

Ainda segundo o autor, aqueles que se aventuram na empreitada destes estudos, têm ainda quatro perguntas básicas a serem respondidas: o que e como o aluno aprende; quais as diferenças individuais que subjazem a aprendizagem e que efeitos métodos e professores teriam neste processo. Estas perguntas abrem aos pesquisadores quatro grandes áreas estruturais de pesquisa, a saber: características da aprendizagem da língua; fatores externos (input social); mecanismos internos e diferenças individuais.

Tal abertura de foco compreende que língua, sujeito e sociedade estão integrados de tal modo que, para compreendermos a totalidade do fenômeno de aprendizagem, não poderíamos isolar um ou outro elemento.

É este amalgama que reforça quão significativa pode ser uma pesquisa pautada na análise de relatos orais, quando o indivíduo é levado a relatar, de forma espontânea, como ele concebe seu próprio aprendizado.

Considerações finais

A Antropologia dos Sentidos (Le Breton, 2016) e Ontologia da Linguagem (ECHEVERRÍA, 2016) embasam estas reflexões oferecendo duas perspectivas importantes a

⁸ A pesquisa sobre aquisição de segundas línguas tornou-se um campo de estudos amorfo, com fronteiras elásticas. (Tradução minha)

serem contempladas pelo pesquisador que se propõe a compreender o fenômeno de ensino-aprendizagem de língua estrangeira por meio da coleta e análise de relatos orais.

A primeira nos oferece a referência sobre a apropriação do “si-mesmo” e do mundo, intermediada em primeira instância por nossos sentidos e, então significada por meio da linguagem. Assim, a linguagem tem um caráter individual e subjetivo, não evidente para quem desconhece tais conceitos.

Pressupor que existe uma única verdade na linguagem, negligenciando seu caráter individual, é empreender em um estudo superficial, ainda que não intencionalmente. O significado do que se diz é de imediata captação para falantes da mesma língua, ao passo que o “sensível” da experiência só pode ser captado por uma investigação densa, atenta à detalhes, inclusive aqueles não ditos.

Com relação à segunda teoria, evidenciamos o pressuposto de um ser ontologicamente linguístico. Um ser que somente é humano pela linguagem, se distinguindo das demais espécies como ser narrativo e interpretativo em decorrência desta. Sob esta perspectiva, nossa primeira língua nos dá identidade e pertença, e sua aquisição é concomitante à nossa formação enquanto indivíduo.

Podemos, à luz da Ontologia da Linguagem, dizer que uma criança, ao nascer, não possui identidade fixa, pronta e pré-determinada como proporia a perspectiva cartesiana. Ao contrário, a criança se constituirá indivíduo no mundo por meio da aquisição da linguagem, processo intermediado por seu entorno social.

Assim, além de se constituir indivíduo, ela traz para dentro de si a cultura de um grupo social, também contido na linguagem. Desta forma, a primeira língua é infinitamente mais do que simples ferramenta de comunicação dentro de um grupo. Ela é o que nos constitui seres humanos e sociais.

Para o pesquisador, a interpretação das narrativas coletadas deve contemplar duas dimensões que se entrecruzam: individual e social. Destarte, ele se deparará, por exemplo, com paradigmas relacionados tanto ao aprendizado de uma língua estrangeira, quanto à língua propriamente dita, como reflexos da forma como o brasileiro concebe a língua inglesa e a relevância de seu aprendizado, dentro de um contexto social e cultural que não podem ter sua importância relegada na pesquisa, pois não se isolam do fenômeno.

Os fatores mencionados podem se apresentar como facilitadores ou não da aprendizagem, e cada sujeito ao narrar sua trajetória, fornecerá pistas valiosas ao pesquisador que tenha seus sentidos e sua sensibilidade preparados para reconhecê-las.

Referências

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Paulus/EDUFRN. Natal, RN. 2010.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais**. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo, SP. 1988. Pg. 44-71.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontología del Language**. Editora Granica. Buenos Aires, Argentina. 2016.

FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?** Editora Contexto. São Paulo, SP. 2013.

LE BRETON, David. **Uma Antropologia dos Sentidos**. In: Antropologia dos Sentidos. Pg. 21-66. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2016.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Epistemologia e Educação: Bases Conceituais e Racionalidades Científicas e Históricas**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos Oraís: do “indizível ao dizível”**. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo, SP. 1988. p. 14-43.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O conceito e a identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?** In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(em) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Pg. 21 – 46. Mercado das Letras. Campinas, SP. 2002.

REVUZ, Christine. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.** In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(em) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Pg. 213 – 230. Mercado das Letras. Campinas, SP. 2002.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Editora Martins Fontes. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed.. São Paulo, SP. 2008.

Submetido em: 26/12/2019

Aceito em: 18/12/2020